

Contagious é o nome do trio formado por Andrea Neumann, Sabine Ercklentz e Mieko Suzuki, três figuras de destaque da cena musical experimental e eletrônica de Berlim. O trompete e processamentos de Ercklentz e o inside piano de Neumann, duas colaboradoras de longa data e vozes inovadoras no contexto da música experimental e improvisada, entram aqui em diálogo com os gira-discos e a eletrônica de Suzuki, artista sonora, curadora e DJ que marca presença assídua em clubes e festivais de Berlim. Uma das vontades de Contagious é explorar as relações de interconexão entre si e entre a composição e a improvisação, a música eletrônica e a acústica. Deixando-se contaminar ou contagiar pelas esferas musicais das outras, entre a apropriação e uma sutil troca de papéis, cada elemento do trio participa numa procura ativa de novas possibilidades estéticas que percorrem e cruzam um amplo espectro de gêneros musicais. O contacto entre as sonoridades que combinam resulta numa tensão constante entre a música experimental e a música eletrônica de dança, o que faz com que um concerto de Contagious tanto possa acontecer num clube noturno obscuro como num espaço artístico mais institucional, sem que consigamos definir ao certo a que lugar pertencem.

Neumann e Ercklentz conheceram e improvisaram com Suzuki em *City Lights – A Continuous Gathering*, de Meg Stuart e Maria F. Scaroni. A sintonia entre elas foi desde logo evidente, o que as levou a propor a Suzuki uma remistura do tema “drehwurm”, que criaram a partir das suas interpretações de uma série de fragmentos de techno minimal. Encontraram-se para discutir esta ideia e perceberam que seria também interessante tocarem juntas. Sem expectativas, nem entraves, começaram a ensaiar e cedo perceberam que partilhavam as decisões com base num processo de escuta atento e refinado. A escuta foi e é chave para entrar e permanecer em territórios novos, em fase de reconhecimento e definição. E em Contagious a escuta toma um lugar muito particular porque a ação que instiga pode passar pelo processamento de sonoridades que chegam a cada uma delas a partir do que recebem das outras partes. Por exemplo, Suzuki ocasionalmente recebe sons de Neumann ou de Ercklentz e usa-os como *samples* que pode processar. Há uma partilha de sons que possibilita uma apropriação, ou antes, uma atitude de diluição autoral.

O que apontam como específico em Contagious, relativamente aos projetos em colaboração com outros artistas, aos seus percursos individuais e ao trabalho conjunto de Neumann e Ercklentz parecem ser variáveis que as aproxima de um contexto de música eletrônica de clube: drone, low flow, uma noção de tempo estendido, como uma longa respiração, um desenvolvimento mais orgânico e a fisicalidade da experiência sonora promovida pela incorporação de frequências muito graves, o que está presente no som de Suzuki, por exemplo. Além disso, o trio está orientado para tocar em lugares maiores e para outras audiências, necessitando de uma amplificação mais potente para poderem trabalhar com volumes mais elevados, o que implica

uma adaptação das suas ideias musicais. “Não se trata apenas de mover o *fader* para cima. O som tem de ser pensado de uma maneira nova, diferente”. No entanto, a música e a performance de Contagious não as distancia de cenários mais frequentes da música improvisada e experimental e de outros, mais inesperados. No decorrer de um ano, tocaram na série Kiezsalon, passaram pelo clube Berghain, entre outros espaços dentro e fora da Alemanha. Recentemente, atuaram no museu Hamburger Bahnhof, em Berlim, um contexto bastante mais académico do que os anteriores.

A música do trio é marcadamente improvisada, sem estruturas prévias, partindo sempre do “zero”. Começam por ensaiar livremente em áreas que são do interesse comum e analisam as gravações, fazendo deste exercício o processo que permite reconhecer a entidade sonora que surge do encontro entre as três. Mas é no lugar e no momento da performance que Contagious se manifesta, partindo de um enquadramento de liberdade, atenção e profunda interconexão. E o efeito não poderia ser outro senão contagiante. Desde o seu início, o projeto contou com o entusiasmo de vários programadores e do DJ e produtor Rabih Beaini, fundador da editora Morphine Records. Beaini, que conhece o trabalho de Andrea Neumann, Sabine Ercklentz e Mieko Suzuki, percebeu imediatamente o potencial desta combinação. Após ouvir a gravação do primeiro concerto de Contagious, convidou-as a gravar no seu estúdio, o que aconteceu depois de já terem feito uma série de apresentações. As gravações feitas ao longo de dois dias foram editadas por Beaini, que moldou o material sonoro, formando os nove temas que fazem parte do disco de estreia do trio, de título homónimo, lançado em novembro de 2019. Para cada um dos títulos dos temas escolheram cuidadosamente o nome de um animal hermafrodita, “o animal certo para cada tema”. Quiseram com esta escolha dirigir a nossa atenção para algo extramusical? E como será que a leitura desta opção marca a construção da identidade do trio por parte da audiência? Explicam-nos que durante os ensaios usavam um livro com imagens de animais imaginários, que abriam aleatoriamente, tomando o animal que surgisse como estímulo ou inspiração para a improvisação seguinte. E porque queriam propor um conceito para o seu trabalho, surgiu a ideia de dar nomes de animais, reais e hermafroditas, aos temas do disco. “A Natureza é muito diversa, mas a cultura *mainstream* gosta de colocar tudo em caixas binárias. Vemos aqui uma analogia com a música. Gostamos de atuar fora de compartimentações e de combinar coisas com uma atitude aberta. Esta variedade na Natureza fascina-nos, tal como esta fluidez de género, e é interessante notar que esta informação não está presente em todas as fontes. Talvez não seja ainda bem-vinda e uma das nossas vontades é salientar esta realidade”.

Duração 50 min
M/6

Composição e interpretação

Andrea Neumann (inside piano e mesa de mistura preparados), Mieko Suzuki (eletrônica e gira-discos), Sabine Ercklentz (trompete e processamento)